

## Revisão 1º ano - Exercício

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Leia o excerto do “Sermão de Santo Antônio aos peixes” de Antônio Vieira (1608-1697) para responder à(s) quest(ões).

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo se devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comeres, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comeres é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.)

1. (Unifesp) O primeiro parágrafo permite identificar o lugar em que o pregador profere seu sermão, a saber,  
a) o mar.  
b) o sertão.  
c) a floresta.  
d) a aldeia.  
e) a cidade.
2. (Unifesp) Condizente com o teor do sermão está o conteúdo do seguinte provérbio:  
a) “A tolerância é a virtude do fraco.”  
b) “O homem é o lobo do homem.”  
c) “Ao homem ousado, a fortuna lhe dá a mão.”  
d) “A fome é a companheira do homem ocioso.”  
e) “Quem tem ofício, não morre de fome.”
3. (Unifesp) “Santo Agostinho, que pregava aos homens, **para** encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, **para** que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens.” (1º parágrafo)

Nas duas ocorrências, o termo “para” estabelece relação de

- a) consequência.
- b) conformidade.
- c) proporção.
- d) finalidade.
- e) causa.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Para responder à(s) quest(ões) a seguir, leia o excerto do “Sermão da primeira domingo do Advento” de Antônio

Vieira (1608-1697), pregado na Capela Real em Lisboa no ano de 1650.

Sabei cristãos, sabeis príncipes, sabeis ministros, que se vos há de pedir estreita conta do que fizestes; mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se não de condenar muitos, pelo que não fizeram, todos. [...]

Desçamos a exemplos mais públicos. Por uma omissão perde-se uma maré, por uma maré perde-se uma viagem, por uma viagem perde-se uma armada, por uma armada perde-se um Estado: dai conta a Deus de uma Índia, dai conta a Deus de um Brasil, por uma omissão. Por uma omissão perde-se um aviso, por um aviso perde-se uma ocasião, por uma ocasião perde-se um negócio, por um negócio perde-se um reino: dai conta a Deus de tantas casas, dai conta a Deus de tantas vidas, dai conta a Deus de tantas fazendas<sup>1</sup>, dai conta a Deus de tantas honras, por uma omissão. Oh que arriscada salvação! Oh que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros! Está o príncipe, está o ministro divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento: e talvez naquela mesma hora, por culpa de uma omissão, está cometendo maiores danos, maiores estragos, maiores destruições, que todos os malfeitores do mundo em muitos anos. O salteador na charneca com um tiro mata um homem; o príncipe e o ministro com uma omissão matam de um golpe uma monarquia. A omissão é o pecado que com mais facilidade se comete e com mais dificuldade se conhece; e o que facilmente se comete e dificultosamente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que se faz não fazendo. [...]

Mas por que se perdem tantos? Os menos maus perdem-se pelo que fazem, que estes são os menos maus; os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que estes são os piores: por omissões, por negligências, por descuidos, por desatenções, por divertimentos, por vagares, por dilações, por eternidades. Eis aqui um pecado de que não fazem escrupulo os ministros, e um pecado por que se perdem muitos. Mas percam-se eles embora, já que assim o querem: o mal é que se perdem a si e perdem a todos; mas de todos não de dar conta a Deus. Uma das cousas de que se devem acusar e fazer grande escrupulo os ministros, é dos pecados do tempo. Porque fizeram o mês que vem o que se havia de fazer o passado; porque fizeram amanhã o que se havia de fazer hoje; porque fizeram depois o que se havia de fazer agora; porque fizeram logo o que se havia de fazer já. Tão delicadas como isto não de ser as consciências dos que governam, em matérias de momentos. O ministro que não faz grande escrupulo de momentos não anda em bom estado: a fazenda pode-se restituir; a fama, ainda que mal, também se restitui; o tempo não tem restituição alguma.

(*Essencial*, 2013. Adaptado.)

<sup>1</sup>fazenda: conjunto de bens, de haveres.

4. (Unesp) Ao afirmar que “o tempo não tem restituição alguma” (3º parágrafo), o autor enfatiza, em relação ao tempo, seu caráter

- a) traiçoeiro.
- b) degradante.
- c) imprevisível.
- d) irreversível.
- e) insondável.

5. (Unesp) Em “o que facilmente se comete e dificultosamente se conhece, raramente se **emenda**.” (2º parágrafo), o verbo destacado pode ser substituído sem prejuízo de sentido para o texto por:

- a) evita.
- b) entende.
- c) corrige.
- d) esquece.
- e) lembra.

6. (Unesp) No sermão, o autor recorre a uma construção que contém um aparente paradoxo em:

- a) “o mal é que se perdem a si e perdem a todos” (3º parágrafo)
- b) “os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que estes são os piores” (3º parágrafo)
- c) “Desçamos a exemplos mais públicos.” (2º parágrafo)
- d) “Oh que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros!” (2º parágrafo)
- e) “A omissão é um pecado que se faz não fazendo.” (2º parágrafo)

7. (Ufpr) Considerando a poesia de Gregório de Matos e o momento literário em que sua obra se insere, avalie as seguintes afirmativas:

1. Apresentando a luta do homem no embate entre a carne e o espírito, a terra e o céu, o presente e a eternidade, os poemas religiosos do autor correspondem à sensibilidade da época e encontram paralelo na obra de um seu contemporâneo, Padre Antônio Vieira.
2. Os poemas erótico-irônicos são um exemplo da versatilidade do poeta, mas não são representativos da melhor poesia do autor, por não apresentarem a mesma sofisticação e riqueza de recursos poéticos que os poemas líricos ou religiosos apresentam.
3. Como bom exemplo da poesia barroca, a poesia do autor incrementa e exagera alguns recursos poéticos, deixando sua linguagem mais rebuscada e enredada pelo uso de figuras de linguagem raras e de resultados tortuosos.
4. A presença do elemento mulato nessa poesia resgata para a literatura uma dimensão social problemática da sociedade baiana da época: num país de escravos, o mestiço é um ser em conflito, vítima e algoz em uma sociedade violentamente desigual.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 1, 3 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 2 e 4 são verdadeiras.
- e) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.

8. (G1 - cftmg) Tu não verás, Marília, cem cativos  
tirarem o cascalho e a rica terra,  
ou dos cercos dos rios caudalosos,  
ou da minada Serra.

Não verás separar ao hábil negro  
do pesado esmeril a grossa areia,  
e já brilharem os **granetes** de ouro  
no fundo da **bateia**.

Não verás derrubar os virgens matos,  
queimar as capoeiras inda novas,  
servir de adubo à terra a fértil cinza,  
lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes  
das secas folhas do cheiroso fumo;  
nem espremer entre as dentadas rodas  
da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa  
altos volumes de enredados feitos;  
ver-me-ás folhear os grandes livros  
e decidir os pleitos.

Enquanto revolver os meus Consultos,  
tu me farás gostosa companhia,  
lendo os **fastos** da sábia, mestra História,  
e os cantos da Poesia.

Lerás em alta voz, a imagem bela;  
Eu, vendo que lhe dás o justo apreço,  
Gostoso tornarei a ler de novo  
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma beleza,  
Marília, não lhe invejes a ventura,  
Que tens quem leve à mais remota idade  
A tua formosura.

Tomás Antônio Gonzaga - Lira III

Disponível em: *100 poemas essenciais da Língua Portuguesa* (org. Carlos Figueiredo)

**Vocabulário de apoio:**

Granete: pequeno grão; pequena quantidade de metal

Bateia: gamela afunilada de madeira onde se lavam minérios

Fasto: magnificência; pompa.

É característica do Arcadismo, observada no poema, a

a) opção pela linguagem rebuscada como expressão.

b) apresentação da mulher amada como vocativo.

c) escolha pela Arcádia como cenário.

d) indecisão do pastor como eu lírico.

9. (G1 - cftmg) **Madrigal XLIII**

Suspiros já cansados,

Repousai por um pouco entre estas flores:

Glaura virá e os cândidos Amores

A gozar a beleza destes prados.

Cai a sombra dos montes elevados:

Abranda o loiro Sol os seus ardores:

A flauta dos Pastores

Respira alegre em ecos alternados.

Suspiros já cansados

Co'as minhas tristes dores,

Repousai por um pouco entre as flores.

ALVARENGA, Manuel I. S. *Glaura: poemas eróticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 287.

Sobre o poema, afirma-se:

I. O texto recupera o *locus amoenus*, tópos do ambiente aprazível para o interlúdio amoroso.

II. A forma composicional do gênero madrigal rompe com os paradigmas árcades, imprimindo liberdade formal à construção poética.

III. A cena poética acompanha em gradação o entardecer, num cenário povoado por elementos tradicionais da estética neoclássica.

IV. O poema marca a tensão entre campo e cidade, criticando o modo de vida nos centros urbanos.

Estão corretas apenas as afirmativas

a) I e II.

b) I e III.

c) II e IV.

d) III e IV.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

**TEXTO I**

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,

Muda-se o ser, muda-se a confiança:

Todo o mundo é composto de mudança,

Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,

Diferentes em tudo da esperança:

Do mal ficam as mágoas na lembrança,

E do bem (se algum houve) as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,  
Que já coberto foi de neve fria,  
E em mim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,  
Outra mudança faz de mor espanto,  
Que não se muda já como soía.

(CAMÕES, Luís de. *Rimas: Primeira parte, Sonetos*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003. p. 284.)

## TEXTO II

XXXII

Se os poucos dias, que vivi contente,  
Foram bastantes para o meu cuidado,  
Que pode vir a um pobre desgraçado,  
Que a ideia de seu mal não acrescente!

Aquele mesmo bem, que me consente,  
Talvez propício, meu tirano fado,  
Esse mesmo me diz, que o meu estado  
Se há de mudar em outro diferente.

Leve pois a fortuna os seus favores;  
Eu os desprezo já; porque é loucura  
Comprar a tanto preço as minhas dores:

Se quer, que me não queixe, a sorte escura,  
Ou saiba ser mais firme nos rigores,  
Ou saiba ser constante na brandura.

(COSTA, Cláudio Manoel da. In: *A poesia dos inconfidentes*.  
Org. Domício Proença Filho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar,  
1996. p. 65)

10. (Uffj-pism 3) No soneto XXXII de Cláudio Manoel da Costa (texto II), o eu lírico se queixa principalmente:

- a) por ter tido poucos dias felizes na vida.
- b) porque a inconstância lhe veta a plenitude.
- c) porque a sorte escura lhe traz apenas dores.
- d) porque a ideia de seu mal não lhe acrescenta.
- e) por saber que o tirano fado é firme nos rigores.

11. (Uffj-pism 3) Na última estrofe do soneto de Camões (texto I), o eu lírico constata que:

- a) a mudança cotidiana de valores gera espanto.
- b) tudo se transforma diariamente no mundo.
- c) o bem e o mal deixam marcas eternas.
- d) o próprio processo de mudança é instável.
- e) o tempo converte o verde em neve e o canto em choro.

12. (Uffj-pism 3) Quanto à conclusão, em que diferem os textos I e II?

- a) enquanto o eu lírico do texto I demonstra resignação, o do texto II reclama.
- b) enquanto o eu lírico do texto I demonstra apatia, o do texto II se rebela.
- c) enquanto o eu lírico do texto I demonstra impaciência, o do texto II espera.
- d) enquanto o eu lírico do texto I demonstra tristeza, o do texto II se alegra.
- e) enquanto o eu lírico do texto I demonstra fé, o do texto II duvida.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Chicó – <sup>3</sup>Por que essa raiva dela?

João Grilo – Ó homem sem vergonha! Você inda pergunta? <sup>5</sup>Está esquecido de que ela o deixou? Está esquecido da exploração que eles fazem conosco naquela padaria do inferno? Pensam que são o cão só porque enriqueceram, mas <sup>4</sup>um dia hão de pagar. E a raiva que eu tenho é <sup>3</sup>porque quando estava doente, me acabando em cima de uma cama, via passar o prato de comida <sup>6</sup>que ela mandava para o cachorro. Até carne passada na manteiga tinha.

Para mim nada, João Grilo <sup>6</sup>que se danasse. Um dia eu me vingo.

Chicó – João, <sup>1</sup>deixe de ser vingativo que <sup>2</sup>você se desgraça. Qualquer dia você inda se mete numa embrulhada séria.

Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida*

13. Considere as seguintes afirmações.

I. O texto de Ariano Suassuna recupera aspectos da tradição dramática medieval, afastando-se, portanto, da estética clássica de origem greco-romana.

II. A palavra **Auto**, no título do texto, por si só sugere que se trata de peça teatral de tradição popular, aspecto confirmado pela caracterização das personagens.

III. O teor crítico da fala da personagem, entre outros aspectos, remete ao teatro humanista de Gil Vicente, autor de vários autos, como, por exemplo, o *Auto da barca do inferno*.

Assinale:

- a) se todas estiverem corretas.
- b) se apenas I e II estiverem corretas.
- c) se apenas II estiver correta.
- d) se apenas II e III estiverem corretas.
- e) se todas estiverem incorretas.

### Soneto de fidelidade

(Vinicius de Moraes)

De tudo, ao meu amor serei atento  
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento  
E em seu louvor hei de espalhar meu canto  
E rir meu riso e derramar meu pranto  
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure  
Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure.

14. Nos dois primeiros quartetos do soneto de Vinicius de Moraes, delineia-se a ideia de que o poeta
- a) não acredita no amor como entrega total entre duas pessoas.
  - b) acredita que, mesmo amando muito uma pessoa, é possível apaixonar-se por outra e trocar de amor.
  - c) entende que somente a morte é capaz de findar com o amor de duas pessoas.
  - d) concebe o amor como um sentimento intenso a ser compartilhado, tanto na alegria quanto na tristeza.
  - e) vê, na angústia causada pela ideia da morte, o impedimento para as pessoas se entregarem ao amor.

15. TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

*Cantiga de Amor*

Afonso Fernandes

Senhora minha, desde que vos vi,  
lutei para ocultar esta paixão  
que me tomou inteiro o coração;  
mas não o posso mais e decidi  
que saibam todos o meu grande amor,  
a tristeza que tenho, a imensa dor  
que sofro desde o dia em que vos vi.

Já que assim é, eu venho-vos rogar  
que queirais pelo menos consentir  
que passe a minha vida a vos servir (...)

([www.caestamosnos.org/efemerides/118](http://www.caestamosnos.org/efemerides/118). Adaptado)

15. Uma característica desse fragmento, também presente em outras cantigas de amor do Trovadorismo, é

- a) a certeza de concretização da relação amorosa.
- b) a situação de sofrimento do eu lírico.
- c) a coita de amor sentida pela senhora amada.
- d) a situação de felicidade expressa pelo eu lírico.
- e) o bem-sucedido intercâmbio amoroso entre pessoas de camadas distintas da sociedade.